

Kairós: a representação de Jesus, da Cruz e do chamado, do ponto de vista de Paul Tillich e Jürgen Moltmann

Kairos: the representation of Jesus, the Cross, and the calling, from the point of view of Paul Tillich and Jürgen Moltmann

*Jônatas de Lacerda**

UFGD

Recebido em: 27/11/2025. Aceito em: 03/06/2026.

Resumo: O presente artigo analisa a centralidade de Jesus Cristo, da Cruz e do chamado cristão a partir das reflexões teológicas de Paul Tillich e Jürgen Moltmann, enfatizando o conceito de Kairós, a teologia da esperança e a compreensão do Deus crucificado desenvolvida por Moltmann. A pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa, investiga como a cruz de Cristo ultrapassa a dimensão simbólica tradicional, tornando-se fundamento da esperança cristã diante do sofrimento humano, das crises históricas e da busca existencial por sentido. Em Tillich, Jesus Cristo representa o ápice da história e o momento oportuno da revelação divina, em que Deus se manifesta plenamente à humanidade. Em Moltmann, sobretudo na obra *O Deus Crucificado*, a cruz expressa a solidariedade radical de Deus com os marginalizados, abandonados e sofredores da história, revelando um Deus que participa da dor humana e transforma o sofrimento em esperança escatológica. A ressurreição de Cristo é compreendida como anúncio de renovação histórica, vitória sobre a morte e promessa de redenção para toda a humanidade. O estudo demonstra que a cruz deixa de ser apenas instrumento de condenação para tornar-se símbolo de vida, reconciliação e libertação. Conclui-se que a cruz e a ressurreição constituem os fundamentos da esperança cristã e do compromisso ético, espiritual e social com o Reino de Deus.

* Doutorando em História (Universidade Federal da Grande Dourados 2025). Mestre em História Ibérica (Universidade Federal de Alfenas 2018). Bacharel em Teologia (Faculdade Batista de Minas Gerais 2021). Pedagogo (Universidade Federal de Alfenas 2018). Psicopedagogo (Universidade Adventista de São Paulo 2011). História (Universidade de Araras SP 2009)

E-mail: jonataslac1@gmail.com.





Palavras-chave: Jesus Cristo; Kairós; esperança; Paul Tillich; Jürgen Moltmann.

Abstract: *This article analyzes the centrality of Jesus Christ, the Cross, and the Christian calling through the theological reflections of Paul Tillich and Jürgen Moltmann, emphasizing the concept of Kairos, the theology of hope, and the understanding of the crucified God developed by Moltmann. The research, based on a qualitative and bibliographical approach, investigates how the Cross of Christ transcends its traditional symbolic dimension, becoming the foundation of Christian hope in the face of human suffering, historical crises, and the existential search for meaning. For Tillich, Jesus Christ represents the culmination of history and the opportune moment of divine revelation, in which God fully manifests Himself to humanity. For Moltmann, especially in *The Crucified God*, the Cross expresses God's radical solidarity with the marginalized, abandoned, and suffering people of history, revealing a God who participates in human pain and transforms suffering into eschatological hope. Christ's resurrection is understood as the announcement of historical renewal, victory over death, and the promise of redemption for all humanity. The study demonstrates that the Cross ceases to be merely an instrument of condemnation and becomes a symbol of life, reconciliation, and liberation. It concludes that the Cross and resurrection constitute the foundations of Christian hope and of the ethical, spiritual, and social commitment to the Kingdom of God.*

Keywords: Jesus Christ; Kairos; hope; Paul Tillich; Jürgen Moltmann.

Introdução

No cenário contemporâneo, marcado por guerras, crises existenciais, desigualdades sociais e transformações culturais, a reflexão teológica acerca da cruz adquiriu novos contornos. O século XX, especialmente após as duas guerras mundiais, produziu profundas inquietações acerca da existência humana, do sofrimento e da presença de Deus na história. Nesse cenário, teólogos como Paul Tillich e Jürgen Moltmann desenvolveram interpretações inovadoras sobre a centralidade da cruz, articulando elementos existenciais, históricos e escatológicos.

A partir dessa perspectiva, Tillich procura responder às inquietações da modernidade, especialmente à crise de sentido provocada pelo avanço do secularismo e pelas experiências traumáticas do século XX. Sua teologia apresenta forte caráter existencial, relacionando a experiência religiosa às angústias fundamentais da condição humana.

Paralelamente, Jürgen Moltmann desenvolve uma teologia marcada pela experiência histórica do sofrimento humano. Influenciado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial, pelo encarceramento em campos de prisioneiros e pelo contato com a devastação produzida pelo



nazismo, Moltmann elabora uma profunda reflexão sobre a presença de Deus no sofrimento. Em sua obra *O Deus Crucificado*, o autor afirma que Deus participa do sofrimento humano por meio da cruz de Cristo. A cruz deixa de ser compreendida apenas como instrumento de punição e morte para tornar-se expressão máxima da solidariedade divina com os marginalizados, abandonados e sofredores da história.

Além disso, Moltmann amplia sua reflexão mediante a chamada Teologia da Esperança, perspectiva teológica que compreende a esperança cristã como força histórica transformadora. A esperança não se reduz à expectativa futura da vida eterna, mas constitui fundamento para a transformação do presente, impulsionando o compromisso ético, social e político do cristão.

A centralidade da Cruz de Cristo na religião cristã tem sido enfatizada de forma contundente e milenar. Esse destaque torna-se um fator importante para elucidar a necessidade do simbolismo religioso. A simbologia, o sentido e a busca por significados e respostas fazem parte da nossa cultura e estão intrinsecamente relacionados ao universo religioso. A simbologia cristã, em sua “fé na cruz”, é justificada pela importância que ela tem em ser um divisor de águas no contexto do cristianismo. Onde antes se via a cruz como um símbolo de castigo, crueldade e sofrimento, agora vemos Deus abrindo caminho para um novo paradigma, uma nova concepção de perdão e amor, inaugurando assim o Reino de Deus¹. De acordo com Moltmann, Deus usa a tradição da cruz, que era uma sentença cruel² para os malfeitores, para trazer algo totalmente novo, que pode mudar o rumo de toda a humanidade pecadora.

A morte de Jesus na cruz, seguida da narrativa da ressurreição, tornou-se fundamento da fé cristã e elemento estruturante da teologia,

¹ E todavia, a esperança pelo reino de Deus continuou viva através dos séculos. Ela não pode ser abandonada. Encontra-se por demais enraizada no todo do Evangelho, perfazendo o específico do anúncio de Jesus (Mc 1.15; 4.26) e expressando algo muito próximo da pregação da Igreja: Escatologia cristã não se resume numa esperança individual e pós-mortal, nem tampouco tem como objetivo primeiro a beatitude pessoal numa nova forma de existência. Por mais importante que seja, a esperança pela ressurreição dos mortos se encontra inserida numa expectativa bem mais abrangente, a saber, que Deus irá assumir o pleno governo do mundo [...]. Ressurreição dos mortos, libertação de todos os males (Mt 6.13), a conversão da tristeza em alegria, a satisfação dos que tem fome sede de justiça (Lc 6.21) – tudo isto está implícito na vinda do reino de Deus. Com ele, pois, vem a salvação do mundo (Brakemeier, 1984, p. 7).

² Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; 1 Coríntios 1:27.



da liturgia e da espiritualidade. Ao longo da história, diferentes correntes teológicas procuraram interpretar o significado da cruz e sua relação com a salvação da humanidade, produzindo distintas compreensões acerca do sofrimento, da redenção, da esperança e do Reino de Deus.

A cruz de Cristo é um tema central na obra de Tillich e Moltmann, que abordam a importância do momento certo (Kairos) para a vinda de Cristo e a necessidade da cruz como base doutrinária e fundamento da crença cristã. A cruz é o momento em que Deus se revela de forma plena e a humanidade é redimida.

Paul Tillich compreende Jesus Cristo como o centro da história e da revelação divina. Em sua interpretação, Cristo representa o Kairós absoluto, ou seja, o momento qualitativo e decisivo no qual o eterno irrompe na temporalidade humana. Diferentemente do *chronos*, que corresponde ao tempo quantitativo e cronológico, o Kairós refere-se ao tempo oportuno da ação divina, no qual ocorre transformação profunda da existência humana.

Moltmann, por sua vez, dá ênfase histórica e social da cruz de Cristo, que é capaz de transformar a realidade presente. Para ele, a cruz é um sinal de esperança, pois nos lembra que Deus está presente em meio ao sofrimento humano, e que a justiça divina será realizada, destacando a importância da cruz como símbolo de solidariedade e de compaixão, que nos convida a assumir a causa dos mais fracos e oprimidos.

Nessa premissa, Jesus Cristo, como figura central do cristianismo, é dotado de autoridade e poder, conforme descrito por Tillich. Ele é visto como o ápice e o doador de sentido da história, um referencial e um símbolo que transcende diferentes temporalidades: passado, presente e futuro. Cristo é o símbolo dos momentos em que decisões existenciais são tomadas e novos marcos históricos são mantidos. Sua importância não é resultado de uma casualidade, mas de um momento especial da história em que tudo estava preparado e pronto para recebê-lo. Segundo Tillich, o apóstolo Paulo utiliza o termo Kairos para descrever esse sentimento de que tudo estava pronto, maduro e preparado para a chegada de Jesus Cristo.

Nessa perspectiva, observamos que tanto a Igreja quanto o apóstolo Paulo procuravam mostrar que o tempo para a vinda de Cristo era assertivo e não poderia ter ocorrido em momento melhor. Seria essa a razão para a eficácia e permanência ao longo do tempo da figura de Jesus Cristo crucificado e da simbologia da Cruz?



A escolha de Paul Tillich e Jürgen Moltmann como referenciais teóricos justifica-se pela relevância de suas contribuições para a teologia contemporânea, sobretudo no que se refere à compreensão da cruz como elemento central da experiência cristã. Ambos os autores desenvolveram suas reflexões em contextos marcados pelo sofrimento histórico, buscando responder às inquietações humanas diante da dor, da morte e da perda de sentido.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a representação de Jesus Cristo, da cruz e do chamado cristão nas perspectivas de Paul Tillich e Jürgen Moltmann, ampliando a fundamentação teórica presente no texto-base original. Busca-se compreender de que maneira a cruz assume significado existencial, histórico e escatológico, tornando-se símbolo de esperança, redenção e transformação humana.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada em obras teológicas, filosóficas e históricas relacionadas ao tema. A investigação utiliza livros, dissertações e estudos acadêmicos que discutem a teologia da cruz, o conceito de Kairós, a Teologia da Esperança e o Reino de Deus.

A estrutura do artigo organiza-se em quatro seções principais. Inicialmente, apresenta-se uma breve biografia de Paul Tillich e Moltmann. Em seguida, discute-se a compreensão de Jesus Cristo, o Deus enviado. Posteriormente, analisa-se o Kairós, articulando elementos históricos e teológicos. Por fim, analisa-se a Cruz e o chamado ao Reino de Cristo, culminando nas considerações finais do estudo.

Em suma, uma reflexão sobre a cruz de Cristo nos convida a mergulhar no mistério do amor divino, que se manifesta em meio à dor e ao sofrimento humano, e nos conduz à plenitude da vida eterna.

1 Tillich e Moltmann

As vicissitudes da existência humana muitas vezes nos levam a buscar algo maior, algo superior que possa nos compreender e apoiar. Nesse contexto, podemos observar que tanto Tillich quanto Moltmann viveram em épocas marcadas por conflitos globais e pelo interstício entre eles.

Em sua biografia³, Tillich deixou a Alemanha em 1933 e emigrou para os Estados Unidos devido a suas posições antinazistas contra Hitler.

³ Biografia de Paul Tillich. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Tillich. Acesso em: 2 abr. 2023.



De 1933 a 1955, foi professor de Teologia Filosófica no Union Theological Seminary e na Columbia University em Nova York. Mais tarde, lecionou nas universidades de Harvard e Chicago. Nesta última cidade, coordenou importantes seminários de estudos religiosos com Mircea Eliade. Após a Segunda Guerra Mundial, ele fez viagens frequentes à Europa para cursos e conferências, e recebeu o Prêmio da Paz dos Editores Alemães em 1962.

Jürgen Moltmann, também de uma região protestante da Alemanha, teve uma infância e adolescência sem muita familiaridade com a Bíblia e o cristianismo. Estudante de matemática e física atômica, seus estudos foram interrompidos em 1943, quando tinha dezessete anos, e foi alistado como auxiliar da Luftwaffe, a Força Aérea Alemã. Em junho de 1943, Hamburgo foi bombardeada e Moltmann viu seus camaradas despedaçados até a morte. Naquela noite, ele chorou e gritou para Deus⁴ pela primeira vez. Durante a Segunda Guerra Mundial, Moltmann foi recrutado novamente e se rendeu na Bélgica em 1945, onde foi preso por três anos na Bélgica, Escócia e Inglaterra⁵.

Todo o período de sofrimento, de celas frias e de trabalhos forçados deixaram marcas profundas em Moltmann, levando-o a repensar e a distanciar-se de algo que não o satisfazia para se aproximar de algo que o preenchia e aquecia. Moltmann e seus companheiros de prisão receberam o Novo Testamento, e a oportunidade de encontrar a fé cristã foi estabelecida naquele momento:

Eu pessoalmente mergulhei fundo, quando na prisão nas mãos de Deus. A noite escura das trevas divinas esta na minha alma. Dessa necessidade o Cristo crucificado me deixou livre: quando de sua súplica registrada no Evangelho de Marcos: “Meu Deus, por que me abandonaste?” Então tomei conhecimento de que ali estava alguém que podia me entender. Alguém que, em seus temores, estava bem perto de ti. Ali estava alguém que em sua ressurreição, te leva consigo para a vida verdadeira. O Crucificado de Deus que experimentou as trevas divinas para a minha redenção (Moltmann, 2011, p. 14).

A adversidade vivida neste período ofereceu oportunidades fundamentais para se questionar sobre a existência de Deus, para se identificar

⁴ SILVA, Maria Freire da. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 14-20.

⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Paixão pela vida*. São Paulo: ASTE, 1978. p. 15.



com o processo de “abandono” sofrido por Cristo durante a crucificação, e para experimentar um encontro com este Cristo crucificado, agora ressuscitado e agindo em nós, através da presença e obra do Espírito Santo. A identificação com o abandono de Jesus na cruz tornou-se elemento central de sua elaboração teológica.

Os períodos de conflito vividos por Tillich e Moltmann, e as experiências pessoais que tiveram durante a Segunda Guerra Mundial, influenciaram profundamente suas reflexões teológicas e filosóficas. Para Tillich, a questão da existência humana em meio à angústia e ao desespero era central em sua teologia. Ele acreditava que a ansiedade era uma condição humana universal e que a fé em Deus poderia ajudar a superá-la. Já Moltmann, em sua obra “O Deus Crucificado”, argumenta que o sofrimento de Jesus na cruz pode ser uma fonte de esperança para as pessoas que sofrem na atualidade. Ele propõe que a cruz de Cristo é um símbolo de esperança, porque mostra que Deus está presente nas situações mais difíceis da vida, sofrendo conosco e nos sustentando.

Ambos os autores, de formas distintas, aceitam o cristianismo da fé cristã em um mundo que parece cada vez mais distante dela. Eles trazem uma compreensão mais profunda do significado da cruz de Cristo e de como ela pode ser uma fonte de inspiração e esperança para as pessoas que sofrem. A reflexão teológica de Tillich e Moltmann é profundamente influenciada por suas experiências pessoais de sofrimento e de luta contra o mal, o que os leva a buscar uma teologia que seja capaz de responder às questões mais fundamentais da vida humana.

As obras de Tillich e Moltmann foram construídas a partir de um diálogo constante⁶ com outras vozes sociais e culturais. Esses autores não produziram suas obras de forma interdisciplinar e individual, mas sim como resultado de uma interação constante com outras vozes, tanto dentro do contexto cristão como em relação a outras tradições filosóficas, teológicas e culturais.

Ao incorporar as vozes de outros em seus enunciados, Tillich e Moltmann construíram um discurso teológico que não é fechado em si mesmo, mas sim aberto ao diálogo e à crítica. Eles também trabalharam a subjetividade⁷ como resultado de relações sociais, o que significa que

⁶ FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 37.

⁷ FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 60-61.



suas obras são profundamente situadas histórica e culturalmente, refletindo as vozes e as experiências das comunidades às quais pertencem.

Paul Tillich compreende Jesus Cristo como o centro da história e da revelação divina. Em sua interpretação, Cristo representa o Kairós absoluto, ou seja, o momento qualitativo e decisivo no qual o eterno irrompe na temporalidade humana. Diferentemente do *chronos*, que corresponde ao tempo quantitativo e cronológico, o Kairós refere-se ao tempo oportuno da ação divina, no qual ocorre transformação profunda da existência humana. O autor procura responder às inquietações da modernidade, especialmente à crise de sentido provocada pelo avanço do secularismo e pelas experiências traumáticas do século XX. Sua teologia apresenta forte caráter existencial, relacionando a experiência religiosa às angústias fundamentais da condição humana.

Moltmann, por sua vez, dá ênfase histórica e social da cruz de Cristo, que é capaz de transformar a realidade presente. Para ele, a cruz é um sinal de esperança, pois nos lembra que Deus está presente em meio ao sofrimento humano, e que a justiça divina será realizada, destacando a importância da cruz como símbolo de solidariedade e de compaixão, que nos convida a assumir a causa dos mais fracos e oprimidos. Desenvolve uma teologia marcada pela experiência histórica do sofrimento humano. Influenciado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial, pelo encarceramento em campos de prisioneiros e pelo contato com a devastação produzida pelo nazismo, Moltmann elabora uma profunda reflexão sobre a presença de Deus no sofrimento. Em sua obra *O Deus Crucificado*, o autor afirma que Deus participa do sofrimento humano por meio da cruz de Cristo. A cruz deixa de ser compreendida apenas como instrumento de punição e morte para tornar-se expressão máxima da solidariedade divina com os marginalizados, abandonados e sofredores da história.

Além disso, Moltmann amplia sua reflexão mediante a chamada Teologia da Esperança, perspectiva teológica que compreende a esperança cristã como força histórica transformadora. A esperança não se reduz à expectativa futura da vida eterna, mas constitui fundamento para a transformação do presente, impulsionando o compromisso ético, social e político do cristão.

2 Jesus Cristo: o Deus enviado

Para compreendermos a necessidade do envio de Jesus para cumprir o desejo do Pai e seu ministério no mundo, devemos pensar



segundo Moltmann na divindade trinitária de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo). Quando aborda o Deus crucificado o autor retoma a discussão teológica da finalidade do ato na cruz e ao mesmo tempo nos revela o quanto Deus Pai estava presente no ato da crucificação. Disse Cirilo de Jerusalém: “Deus estendeu seus braços na cruz para abraçar os limites do globo terrestre”⁸ nos convidando a entender o mundo, suas histórias, sofrimentos e esperanças, nos braços estendidos de Cristo, isto é, de Deus. Ainda nessa concepção, acrescenta: “oh madeiro bendito, ao qual Deus foi estendido” nos convidando a entender o Deus estendido trinamente.

A centralidade da cruz de Cristo constitui um dos fundamentos essenciais da tradição cristã, atravessando séculos de reflexão teológica, filosófica e histórica. Mais do que um instrumento de execução utilizado pelo Império Romano, a cruz tornou-se, no cristianismo, símbolo da redenção, da esperança e da reconciliação entre Deus e a humanidade. A partir dela, estabelece-se uma profunda transformação simbólica: aquilo que representava sofrimento, humilhação e morte passa a expressar vida, salvação e esperança escatológica.

Nesse sentido, a figura de Jesus Cristo ocupa posição central na elaboração teológica cristã, especialmente enquanto manifestação histórica da revelação divina. Conforme observa Paul Tillich, Cristo representa o ápice da manifestação do sentido na história humana, configurando-se como o Kairós absoluto, isto é, o momento qualitativo e decisivo da ação divina no tempo histórico. Segundo Tillich, o conceito grego de Kairós não se refere ao tempo cronológico (chronos), mas ao tempo oportuno, pleno e decisivo da revelação.

A utilização dessa categoria teológica permite compreender a vinda de Cristo não como acontecimento aleatório, mas como realização histórica de um processo preparado e amadurecido no interior da própria experiência humana e religiosa. O apóstolo Paulo, segundo Tillich, interpreta a encarnação de Cristo precisamente como esse momento oportuno em que a humanidade se encontrava preparada para receber a revelação divina.

Paralelamente, Jürgen Moltmann desenvolve uma profunda reflexão acerca da cruz em sua obra *O Deus Crucificado*, elaborando uma teologia marcada pela experiência histórica do sofrimento humano no século XX. Influenciado pelos horrores da Segunda Guerra Mundial,

⁸ MOLTSMANN, 2011, p. 256.



Moltmann compreende a cruz como expressão máxima da solidariedade divina com os abandonados, marginalizados e sofredores da história.

Sua Teologia da Esperança desloca a escatologia cristã de uma expectativa meramente futura para uma esperança ativa e transformadora da realidade presente. A esperança cristã deixa de assumir caráter passivo e passa a constituir força histórica de transformação social, política e espiritual.

Quando isso aconteceu? Qual representação nos leva a compreender esse momento? No Kairos, Jesus se manifesta cumprindo todo processo de salvação da humanidade, é o momento de libertação, conforme veremos a seguir.

3 Kairos

Para Tillich, o termo *kairos* refere-se a um momento específico de oportunidade, em que se realiza algo significativo e essencial. É um momento decisivo em que a história humana é transformada. Na teologia cristã, o *kairos* é frequentemente associado à primeira vinda de Jesus Cristo ao mundo, que é visto como o momento oportuno e necessário para a salvação da humanidade. A ideia é que a encarnação de Deus em Jesus Cristo ocorreu no tempo exato, no momento propício para que a mensagem do evangelho pudesse ser divulgada e a salvação pudesse ser alcançada pelos seres humanos. Essa noção de *kairos* como um momento motivador e decisivo é central na teologia de Tillich e tem entusiasmo profundo para a compreensão da relação entre Deus e o mundo, bem como para a vida espiritual dos indivíduos.

Para Moltmann, o sentido da Cruz consiste em sofrer e morrer como um marginalizado e abandonado, ou seja, sentido de entrega e abandono. Esta é, de fato, sua paixão. O sofrimento pode ser reconhecido e celebrado como ato heroico. O abandono, porém, retira toda dignidade do sofrimento e o torna degradante. Portanto, a cruz é a expressão e símbolo da paixão do Cristo abandonado. Por ela, o próprio Deus se identifica e se solidariza com todos os abandonados, oprimidos e perdidos da história (Silva, 2014, p. 90-91).

Jesus Cristo, segundo Tillich, é o símbolo do *Kairós* e a figura central do cristianismo, a quem foi concedida autoridade e poder. Ele é representado por Tillich como o ápice e o doador de sentido da história, uma imagem que transcende as diferentes temporalidades do



passado, presente e futuro. Jesus Cristo é o símbolo dos momentos em que decisões existenciais são tomadas e novos marcos históricos são estabelecidos. Esse evento não ocorreu de forma aleatória, mas em um momento especial da história em que tudo estava preparado e pronto para recebê-lo. Segundo Tillich, Paulo usa o termo *Kairós* para descrever a sensação de que tudo estava pronto, maduro ou preparado para o momento oportuno.

Moltmann desenvolve uma doutrina abrangente sobre a Trindade, que se alinha com a concepção de Tillich sobre a importância das três pessoas divinas na história da salvação, culminando na cruz. A cruz ocupa um lugar central e elevado na ação salvífica da Trindade. O amor e a paixão divinos se destacam na visão de Moltmann, em que Deus Pai entrega seu único Filho, Jesus Cristo, que vem ao mundo, vive entre nós, realiza sinais e maravilhas, e culmina em sua condenação injusta e morte na cruz, sendo assim separado do Pai. No entanto, cumprindo a palavra divina, o Espírito Santo os une nessa ruptura de relação, até que Jesus Cristo entrega seu Espírito e volta para o Pai.

O sofrimento é uma parte intrínseca da concepção inicial vivenciada por Deus⁹ ao entregar seu Filho, porém, na concepção cristã, não deve ser vista como um evento com simbologias¹⁰ negativas, mas como um elemento de profunda reflexão sobre a fé, a piedade e a teologia cristã em sua totalidade. De fato, sem a cruz, a ressurreição de Cristo perderia muito de seu significado e simbolismo. No entanto, a esperança cristã reside no Cristo ressuscitado (Atos 3:15), que triunfou sobre a morte e, ao terceiro dia, rasgou o véu do tempo para reestabelecer o contato entre Deus e o homem.

Ao analisarmos o contexto bíblico-literário citado por Tillich, no qual o termo *Kairós* é mencionado, identificamos que nas diferentes

⁹ Uma qualidade essencial do Deus encarnado ou, o que significa o mesmo, do Deus humano, portanto, Cristo, é a Paixão. O amor se mantém pelo sofrimento. Todos os pensamentos e sentimentos que inicialmente se associam a Cristo concentram-se no conceito do sofrimento. Deus enquanto Deus é o cerne de toda a perfeição humana, Deus enquanto Cristo o cerne de toda a miséria humana (Feuerbach, 2007, p. 85).

¹⁰ Segundo Leiner, a teoria dos símbolos está ligada ao problema do conteúdo e riqueza da linguagem religiosa. O incondicional deve estar relacionado a elementos concretos da experiência comum, para que a religião e a teologia consigam dizer mais do que simplesmente apontar para o fato de que muitas ações humanas pressupõem a verdade, o ser e o incondicional. Tillich, de um modo mais bem elaborado a partir de 1920, chama a esses elementos de símbolos. A linguagem simbólica transcende às possibilidades e as regras da linguagem comum (Leiner, 2008, p. 45).



traduções, a Cruz de Cristo é evidenciada como a “palavra da cruz”, a “linguagem da cruz” e a “mensagem da cruz”. Isso pode ser observado nos textos descritos por Paulo em 1 Coríntios 1:18-25¹¹. Segundo Campos,

A versão de Almeida utiliza o termo “palavra da cruz”, enquanto a Bíblia de Jerusalém e a Pastoral fazem uso da terminologia “linguagem da cruz” e, somente a versão Peregrino emprega o termo “mensagem da cruz”. Esses termos não devem ser compreendidos entre si como em uma relação de sinonímia, mas sim pela interpretação teológica que traz consigo. Por exemplo, o termo “palavra”, no grego, é λόγος, o mesmo termo do prólogo do quarto evangelho e, portanto, pode ser traduzida como “verbo”, “lógica”, “razão”, “ideia”, “pensamento”, “mensagem”, “conceito”, etc., isto é, não se trata de uma simples tradução de um termo por outro, mas de perceber o significado amplo que o termo logos possuía na cultura greco-romana à época na qual o autor da epístola elaborou seu argumento. Em outras palavras, é possível imaginar que o autor, ao utilizar a expressão Ὁ λόγος γὰρ ὁ τοῦ σταυροῦ, estaria buscando evidenciar que, na mensagem a respeito do acontecimento histórico da crucificação, o próprio Deus estaria se revelando, daí ser o λόγος comunicação, tanto do sujeito quanto predicado da perspectiva emoldurada pelo autor como o caminho pelo qual Deus faz sua obra, ou seja, o Deus pregado na cruz se revela não como loucura, uma vez que a cruz enquanto pena capital aplicada pelo Império Romano se constituía em punição judicial à inadequação ao regime sociopolítico dominante, mas como sabedoria divina (σοφία τοῦ θεοῦ) contraposta à loucura humana. Nesse sentido, enquanto a ideia de mensagem e palavra da cruz apontam para algo mais geral, para aquilo que a cruz traz, para o anúncio da sabedoria e poder de Deus, o emprego de “linguagem da cruz” poderia sugerir que se trata apenas de uma forma de se referir aos acontecimentos, os quais poderiam ter outro sentido, sendo o sintagma “linguagem da cruz” uma forma de se referir ao processo condenatório que conduzia à crucificação e não, necessariamente, uma forma de

¹¹ “Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.

Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação. Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1 Coríntios 1:18-25).



compreender a redenção segundo as expectativas do esperado messias (Campos, 2022, p. 86-87).

Conforme supracitado, a cruz, como pena capital, era considerada algo finito. No julgamento humano, ela encerraria a existência de todos os malfeitores, e consequentemente os males por eles praticados seriam mitigados na concepção humana. No entanto, quando consideramos a sabedoria divina, que é descrita e referenciada pelo apóstolo Paulo, compreendemos o poder de Deus – a sua majestade, onisciência, onipotência e onipresença. Deus é tanto transcendente quanto imanente, capaz de transformar algo finito em algo infinito. Ele pode transformar a morte, simbolizada na cruz, em vida, e conceder vida eterna a toda a humanidade, por meio do ato de Jesus enquanto Cristo, que desempenha a função de mediador entre Deus e o homem.

Podemos perceber a ressignificação da cruz na perspectiva de Jesus como o símbolo do *Kairós*, como o ápice que dá sentido, vida e salvação a toda a humanidade. Paulo adota essa visão, vendo Deus ser revelado na cruz não como loucura, mas como a sabedoria divina, em contraposição à loucura humana.

Com isso, podemos compreender a experiência da fé cristã, na qual cremos no Pai, que nos salva por meio do Filho e do Espírito Santo. Observamos a interação entre as três pessoas da Trindade nesse processo salvífico, na revelação do Pai por meio do Filho, com o reconhecimento do Espírito Santo e a consolidação dessa união na vivência da graça, o favor imerecido de Deus para com a humanidade. Na Cruz e na glória de Cristo, vemos o amor do Pai, o Deus que se entregou na Cruz.

A cruz não é e não pode ser amada. E apesar disso, somente o Crucificado provê aquela liberdade, que transforma o mundo, pois ela não teme mais a morte. No seu tempo o Crucificado foi escândalo e loucura. Hoje, não é costume colocá-lo no centro da fé e da teologia. E, ainda assim, somente essa antiquada lembrança nele liberta as pessoas do poder dos fatos presentes, das leis e pressões da história e a abre para um futuro que não retornará às trevas. Hoje é fundamental que a igreja e a teologia reflitam sobre o Cristo crucificado para mostrar ao mundo a sua liberdade e, se elas quiserem ser o que elas afirmam ser: A igreja de Cristo e a teologia cristã (Moltmann, 2011, p. 17).

Portanto, historicamente, a Cruz era símbolo de morte e punição, mas em Cristo se tornou fonte de vida, salvação e libertação para toda a



humanidade. Foi necessário um Cordeiro imaculado, sem pecado, para expiar sobre a humanidade o direito de restabelecer a conexão com Deus Pai, por meio de Deus Filho.

Tillich distingue claramente o tempo cronológico do tempo existencial. Enquanto o *chronos* corresponde à sucessão quantitativa dos acontecimentos históricos, o *Kairós* refere-se ao momento decisivo em que o eterno irrompe no temporal, produzindo transformação radical na existência humana.

A encarnação de Cristo representa, portanto, o ápice desse processo histórico-salvífico. Segundo Tillich, a humanidade encontrava-se preparada para receber a revelação divina, razão pela qual a vinda de Cristo ocorre como acontecimento pleno de significado.

Jesus Cristo torna-se, assim, símbolo universal do sentido histórico e existencial. Sua presença transcende passado, presente e futuro, oferecendo fundamento à compreensão da história humana e da experiência religiosa.

Além disso, Tillich atribui profundo valor simbólico à cruz. O símbolo religioso não possui função meramente ilustrativa; ele participa da realidade que representa. A cruz, portanto, não apenas aponta para o sofrimento humano, mas revela a presença do divino na própria experiência da dor e da finitude.

Nesse aspecto, a reflexão tillichiana aproxima-se das inquietações existenciais da modernidade. Em um contexto marcado por guerras, crises e perda de sentido, Tillich busca responder às angústias humanas mediante uma teologia capaz de relacionar transcendência e existência concreta.

A reflexão teológica de Jürgen Moltmann emerge profundamente marcada pelas experiências traumáticas da Segunda Guerra Mundial. Sua juventude foi atravessada pelos bombardeios, pela destruição e pelo encarceramento em campos de prisioneiros, experiências que influenciaram decisivamente sua compreensão da fé cristã.

Durante o período de prisão, Moltmann entrou em contato com o Novo Testamento, especialmente com a narrativa da paixão de Cristo. Em *O Deus Crucificado*, o autor propõe uma ruptura com concepções clássicas de um Deus distante e impassível. Para Moltmann, Deus sofre em Cristo. A cruz não revela ausência divina, mas precisamente sua solidariedade radical com a humanidade sofredora.



Segundo o autor, o grito de abandono proferido por Cristo na cruz expressa a profundidade do sofrimento humano assumido pelo próprio Deus. Dessa forma, o sofrimento deixa de ser compreendido apenas como punição ou fatalidade histórica, tornando-se espaço de encontro entre Deus e o homem.

A partir dessa compreensão, Moltmann desenvolve a chamada Teologia da Esperança, fundamentada na ressurreição de Cristo. A esperança cristã não consiste em alienação espiritual nem em expectativa puramente pós-morte. Trata-se de esperança histórica, capaz de produzir transformação concreta da realidade. A esperança escatológica, em Moltmann, impulsiona o cristão ao compromisso ético, político e social. O Reino de Deus não é compreendido apenas como realidade transcendente futura, mas como horizonte histórico que orienta a transformação do presente.

4 A cruz e o chamado ao Reino de Cristo

Historicamente, a cruz representava um dos instrumentos mais violentos de execução utilizados pelo Império Romano. Associada à vergonha, à humilhação pública e à punição dos marginalizados, ela simbolizava a supremacia do poder imperial sobre os corpos considerados indesejáveis.

No cristianismo, entretanto, ocorre profunda ressignificação desse símbolo. A morte de Cristo transforma a cruz em expressão máxima do amor divino e da reconciliação entre Deus e a humanidade.

O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 1:18-25, descreve a “palavra da cruz” como escândalo para uns e loucura para outros. A cruz confronta a lógica do poder humano ao revelar um Deus que se manifesta na fraqueza e no sofrimento.

Nesse ponto, Moltmann destaca que Deus escolhe precisamente aquilo que era considerado símbolo de derrota para inaugurar uma nova esperança histórica. A cruz torna-se crítica radical às estruturas de opressão e violência presentes na história humana.

A ressurreição de Cristo, por sua vez, impede que a cruz seja reduzida à tragédia. Ela inaugura uma nova possibilidade histórica fundamentada na vitória da vida sobre a morte.

A cruz transforma profundamente nossa postura em relação a nós mesmos e ao divino. Assim, a congregação da cruz, além de ser um lugar



de festejo, também é uma assembleia de autoconsciência. Ainda que isso possa parecer uma volta ao individualismo, isso não é verdade, pois a autoconsciência tem o objetivo de levar à autodoação. Afinal, como alguém pode oferecer o que não sabe que possui? Por isso, a busca pela própria identidade é fundamental.

O chamado à autonegação é um convite claro de Jesus aos seus seguidores para que carreguem sua própria cruz diariamente. Essa cruz é um símbolo de sacrifício e autonegação em nome de um objetivo maior, que é seguir o exemplo de Cristo. Todo cristão é convidado a ser tanto um Simão de Cirene quanto um Barrabás, pois escapamos da cruz através da morte de Cristo em nosso lugar, mas também carregamos a nossa cruz em nome da identificação com Jesus.

A cruz era um instrumento comum de execução na época de Jesus, e aqueles condenados à crucificação eram forçados a carregar a própria cruz até o local da execução. Seguir a Jesus com uma cruz nos ombros significa colocar-se na posição de um condenado a caminho da execução, o que representa uma morte do eu em favor da aproximação com Deus. Portanto, a “cruz” a ser carregada não se trata de um fardo físico, mas de um símbolo da renúncia do egoísmo em favor de um propósito maior.

O chamado para seguir a Cristo não é um convite superficial ou opcional, mas uma convocação para uma vida de comprometimento e dedicação. Jesus chamou seus discípulos para deixarem tudo e segui-lo, para assumirem uma vida de renúncia e entrega total a Deus. Esse chamado não é apenas para uma vida individual, mas também para fazer parte da comunidade dos seguidores de Cristo e contribuir para o estabelecimento do Reino de Deus na terra.

Ao aceitar o chamado de Cristo, somos chamados a nos identificar com ele, a carregar a cruz e a segui-lo em seus ensinamentos e exemplos. Isso envolve ser fiel a Deus em todas as áreas da vida, em casa, no trabalho, na igreja e na sociedade em geral. A vida cristã é uma vida de serviço, de amor ao próximo, de justiça e de esperança. O chamado é para sermos agentes de transformação na sociedade e para ajudar a construir um mundo melhor, de acordo com os valores do Reino de Deus.

Portanto, o chamado e a Cruz de Cristo estão intimamente relacionados na concepção cristã. O chamado é a convocação para uma vida de comprometimento e dedicação a Deus, enquanto a Cruz é o símbolo do amor sacrificial de Deus pela humanidade e o caminho para a reconci-



liação com Deus e com os outros. Aceitar o chamado de Cristo significa aceitar a Cruz como o centro da nossa fé e viver de acordo com os seus ensinamentos e exemplos.

A participação humana estava presente na revelação da Cruz, que segundo Moltmann o chamado de Cristo aos discípulos estava no contexto do anúncio da Paixão, conforme descrito no evangelho (Mc 8:31-38)¹².

Paul Tillich enfatiza que o Reino de Deus não é uma realidade fora da história humana, mas sim uma realidade histórica, que se manifesta através da ação de Deus na história. Nesse sentido, a história de Israel é vista como um processo preparatório para a vinda do Reino de Deus, culminando na encarnação de Cristo e na sua obra redentora na Cruz. Assim, o chamado para integrar o Reino de Deus não é apenas uma questão pessoal, mas sim uma questão que envolve toda a história humana e a relação da humanidade com Deus. É uma convocação para participar da obra redentora de Deus na história, assumindo uma postura radical de seguimento a Cristo e de comprometimento com a realização do Reino de Deus na Terra. Destaca-se que

A primeira conotação do Reino de Deus é política. Isto coincide com o predomínio da esfera política na dinâmica da história. No desenvolvimento do símbolo no Antigo Testamento, Reino de Deus significa menos um âmbito em que Deus governa do que o próprio poder de governo que pertence a Deus e que ele assumirá após a vitória sobre seus inimigos. Mas, embora o reino como âmbito não esteja em primeiro plano, ele não está totalmente ausente; é idêntico ao Monte Sião, a Israel, às nações ou ao universo. No judaísmo tardio e no Novo Testamento, o âmbito do governo divino se torna mais importante: é um céu e uma terra transformados, uma nova realidade num novo período da história (Tillich, 2005, p. 791).

¹² “E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que depois de três dias ressuscitaria. E dizia abertamente estas palavras. E Pedro o tomou à parte, e começou a repreendê-lo. Mas ele, virando-se, e olhando para os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens. E chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará. Pois, que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? Ou, que daria o homem pelo resgate da sua alma? Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos” (Marcos 8:31-38).



Nessa perspectiva, Paul Tillich completa seu pensamento elencando a segunda conotação do Reino de Deus, que segundo ele

A segunda característica do Reino de Deus é social. Esta característica inclui as ideias de paz e justiça – não em contraste com a qualidade política e, portanto, não em contraste com o poder. Desta forma, o Reino de Deus a expectativa utópica de paz e justiça. [...] Mas, mesmo assim, o elemento social do símbolo nos lembra permanentemente que não há santidade daquilo que deveria ser, o imperativo moral incondicional da justiça (Tillich, 2005, p. 791).

Compreendemos, a dimensão de profundidade no tempo e no espaço, ou seja, o Reino de Deus é algo que se estende tanto no passado quanto no futuro, abrangendo toda a história e sua trajetória rumo à salvação. Tillich enfatiza que o Reino de Deus não é algo que possa ser alcançado simplesmente através de boas ações ou da adesão a uma determinada religião, mas é algo que envolve uma transformação radical da vida humana em todas as suas dimensões. Esse processo de transformação é guiado pela ação do Espírito Santo, que age sobre a humanidade de forma misteriosa e imprevisível, mas sempre visando o bem-estar e a salvação da humanidade. Assim, o chamado para integrar o Reino de Deus é um convite para participar desse processo de transformação, assumindo uma postura de humildade, fé e entrega total a Deus.

Com certeza, o chamado de Deus é algo que transcende o tempo e o espaço. É uma convocação para a participação no Reino de Deus, que é tanto imanente quanto transcendente. Através do processo de Jesus Cristo, Deus se revelou na história de forma imanente, mas também transcende essa história, pois Ele é o Senhor de toda a criação. O chamado de Deus é constante e sempre atual, convidando as pessoas a se unirem a Ele e fazerem parte do seu plano de salvação para a humanidade. É importante estarmos atentos a esse chamado e respondermos com prontidão e fidelidade.

De fato, o exemplo de Cristo¹³ de suportar o sofrimento sem reclamar ou retaliar é um modelo para todos nós. Em um mundo onde muitos procuram vingança e justiça própria, a mensagem da cruz nos chama para uma resposta diferente. Em vez de lutar contra o sofrimento ou tentar escapar dele, somos chamados a suportá-lo com paciência e

¹³ 1 Pedro 2:18-23.



confiança em Deus, sabendo que Ele é soberano e está trabalhando todas as coisas para o nosso bem.

Assim, a cruz de Cristo não é apenas uma história de sofrimento, mas uma fonte de inspiração e esperança para todos aqueles que estão lutando com a dor e a adversidade. Que possamos seguir o exemplo de Cristo, perseverando na carreira cristã e confiando em Deus para nos sustentar em meio às dificuldades da vida.

A cruz está diretamente relacionada ao chamado cristão. Seguir Cristo implica assumir compromisso radical com o Reino de Deus e com os valores do evangelho. O chamado à autonegação, presente nos evangelhos, expressa a necessidade de abandonar o egoísmo em favor de uma vida orientada pelo amor, pela justiça e pela esperança. Para Tillich, o Reino de Deus possui dimensão histórica, política e social. Ele manifesta-se na transformação das estruturas humanas e na realização da justiça.

Moltmann amplia essa compreensão ao afirmar que a esperança cristã conduz necessariamente ao compromisso com os marginalizados e sofredores da história. O seguimento de Cristo exige participação ativa na construção de uma realidade mais justa e reconciliada. Assim, a cruz não representa conformismo diante do sofrimento, mas convocação à resistência, à esperança e à transformação histórica.

A esperança ocupa lugar central na teologia de Jürgen Moltmann. Diferentemente de concepções escatológicas tradicionais que compreendiam a esperança apenas como expectativa futura e transcendente, Moltmann afirma que a esperança cristã possui implicações concretas para a história presente. A ressurreição de Cristo representa, para o autor, a antecipação do futuro de Deus na história humana. Em outras palavras, a promessa escatológica já começa a manifestar-se no presente por meio da ação transformadora do Reino de Deus.

Nesse sentido, a esperança cristã não conduz à alienação ou à passividade. Pelo contrário, ela impulsiona o cristão ao compromisso com a justiça, com a dignidade humana e com a transformação das estruturas sociais marcadas pela opressão.

Moltmann critica perspectivas religiosas que reduzem a esperança a uma simples expectativa pós-morte. Para ele, a fé cristã possui dimensão profundamente histórica e política, uma vez que o Reino de Deus se manifesta também na luta contra a injustiça, a violência e a ex-



clusão. Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Leonardo Boff, que interpreta a cruz e a ressurreição como elementos inseparáveis da libertação humana. A esperança cristã constitui, portanto, força capaz de produzir transformação espiritual e social.

Além disso, a esperança escatológica apresentada por Moltmann fundamenta-se na fidelidade de Deus às suas promessas. A ressurreição de Cristo confirma que o sofrimento e a morte não possuem a última palavra sobre a história humana. Dessa forma, a Teologia da Esperança apresenta importante contribuição para o pensamento cristão contemporâneo, especialmente em contextos marcados por sofrimento coletivo, desigualdades sociais e crises existenciais.

Paul Tillich e Jürgen Moltmann compreendem o Reino de Deus como realidade que transcende os limites da espiritualidade individual. Ambos atribuem ao Reino dimensão histórica, política e social. Tillich afirma que o Reino de Deus se manifesta historicamente mediante processos de transformação da sociedade e da cultura. A ação divina não ocorre fora da história, mas no interior dela.

Moltmann amplia essa compreensão ao relacionar o Reino de Deus à esperança escatológica e à libertação dos marginalizados. O Reino não se restringe à salvação individual; ele envolve reconciliação social, justiça histórica e renovação da criação. Nesse aspecto, a cruz assume caráter profundamente político. A morte de Cristo denuncia estruturas de violência e exclusão presentes na sociedade. Ao identificar-se com os sofredores, Cristo revela um Deus comprometido com os marginalizados da história.

A esperança cristã, portanto, exige compromisso ético com a transformação das estruturas injustas da sociedade. O discipulado cristão implica participação ativa na construção de relações mais humanas, solidárias e reconciliadas. A esperança que proclama a vinda do Rei, a esperança que transforma gerações, a esperança que sustenta os discípulos de Cristo para construção de um mundo e vida melhor e, para o clamor de que seu reino venha até nós. Esperança escatológica que não é apenas um apontamento futuro, o último ponto de uma teologia, mas o ponto central que tem como prisma a esperança. A partir dessa perspectiva, a cruz deixa de ser símbolo de conformismo diante da dor para tornar-se expressão de resistência, esperança e transformação histórica.

Só podemos experimentar a experiência do Cristo Ressurreto se antes passarmos pela Cruz, se antes nos identificarmos com o Cristo da



Cruz, quenótico, que nos convida a fazer o mesmo, nos harmonizarmos com o Cristo esvaziado, crucificado, com o Cristo das dores e que faz com que nos compadeçamos com aquele que é crucificado no dia a dia, que sofre, que é excluído, perseguido, e faz com que nos esvaziemos de qualquer egoísmo e glória própria como Jesus foi é no dia e só podemos ser seus discípulos se formos como ele.

5 Conclusão

Conclui-se que as reflexões teológicas de Paul Tillich e Jürgen Moltmann permanecem fundamentais para a compreensão contemporânea da centralidade da cruz de Cristo na experiência cristã e na interpretação da existência humana. Marcadas pelas experiências traumáticas da Segunda Guerra Mundial, suas produções teológicas elaboram uma hermenêutica do sofrimento capaz de articular fé, história e esperança em diálogo constante com as crises da modernidade. Nesse sentido, ambos os autores desenvolvem uma teologia profundamente comprometida com a realidade histórica, na qual o sofrimento humano não é negado, mas compreendido à luz da revelação divina manifestada em Jesus Cristo.

Em Tillich, Jesus Cristo é compreendido como o Kairós absoluto da história, momento decisivo da irrupção do divino no tempo humano, conferindo sentido à existência e possibilitando a superação da alienação existencial. Já em Moltmann, a cruz assume dimensão radicalmente histórica e escatológica, tornando-se expressão máxima da solidariedade de Deus para com os sofredores, os marginalizados e os abandonados da história. A partir da Teologia da Esperança e da concepção do Deus crucificado, Moltmann desloca a compreensão da esperança cristã para além de uma perspectiva meramente transcendente, compreendendo-a como força transformadora da realidade social, política e histórica.

A análise desenvolvida demonstra, portanto, que a cruz não se restringe a um símbolo religioso ou memorial sacrificial, mas constitui o centro hermenêutico da fé cristã, articulando sofrimento, redenção, esperança e transformação histórica. A ressurreição de Cristo emerge, nesse contexto, como horizonte comum entre Tillich e Moltmann, fundamentando a esperança escatológica e reafirmando a possibilidade de renovação da existência humana diante das contradições da história.

Desse modo, conclui-se que o chamado cristão implica compromisso ético, histórico e espiritual com o Reino de Deus, exigindo uma



postura de entrega, fé e participação ativa na construção de relações pautadas pela justiça, pela solidariedade e pela dignidade humana. As contribuições de Tillich e Moltmann revelam-se, assim, indispensáveis para a teologia contemporânea, especialmente por oferecerem uma compreensão da cruz capaz de dialogar com os dilemas do mundo moderno e de reafirmar a esperança cristã como princípio de transformação da realidade histórica

Referências

- BAKHTIN. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini *et al.* 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e atualizada. São Paulo: Paulus, 2016. 11. reimpres.
- BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo paixão do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, Leonardo. *A cruz nossa de cada dia: fonte de vida e de ressurreição*. Campinas: Versus, 2003.
- BONHOEFFER D. *O custo do discipulado*. Nova York: Macmillan. 1959.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- CAMPOS, Fernando Batista. *A teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin*. São Leopoldo: EST/PPG, 2022.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2018.
- LEINER, Martin. *Tillich on God*. The Cambridge Companion to Paul Tillich, edited by Russell Re Manning, 37-45. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2008.



MOLTMANN, Jürgen. *Paixão pela vida*. São Paulo: ASTE, 1978.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Teológica, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011.

SILVA, Maria Freire da. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009.

WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal: Faculdades EST, 2008.

ZILLI, Bento Ailton. *O tempo e o espaço sagrado à luz da teologia de Jürgen Moltmann*. Dissertação. 105 f. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5869/1/446328.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.